

“O Esperado”: a construção da imagem messiânica de Plínio Salgado como chefe da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

“The Expected”: the construction of the messianic image of Plínio Salgado as leader of the Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

“Lo Esperado”: la construcción de la imagen mesiánica de Plínio Salgado como jefe de la Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

Rodrigo Santos de Oliveira*

<https://orcid.org/0000-0003-1829-1347>

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento**

<https://orcid.org/0000-0001-9644-8528>

RESUMO: Em todo movimento fascista o culto ao líder é um dos elementos centrais do discurso ideológico, pois neste indivíduo são congregados os valores sociais, políticos e culturais do movimento. Plínio Salgado foi o líder da Ação Integralista Brasileira – movimento de orientação fascista que surgiu no Brasil na década de 1930. E para se apresentar como líder incontestado dos integralistas, valeu-se de todo o imaginário messiânico, que tinha grande impacto na mentalidade social brasileira da época, surgindo quase como um novo Tiradentes, numa espécie de cristianização do herói. No presente texto, discutiremos a utilização do imaginário messiânico, a partir de simbolismos cristãos e da figura de Tiradentes na construção da imagem idealizada de Plínio Salgado como “Chefe Nacional” da Ação Integralista Brasileira.

Palavras-chave: Plínio Salgado. Messianismo. Ação Integralista Brasileira. Integralismo.

ABSTRACT: In every fascist movement the leader worship is one of the ideological discourse central elements, since it is in this subject that the social, political and cultural movement values are

* Doutor em História das Sociedades Ibéricas e Americanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI/FURG). Editor da Revista *Historiæ* (ISSN 1519-8502). E-mail: oliv.rod@hotmail.com.

** Doutora e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em História das Sociedades Ibéricas e Americanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Licenciada em Letras pela UFRN. E-mail: michellevasc@hotmail.com.

gathered. Plínio Salgado was the leader of the Ação Integralista Brasileira – a fascist-oriented movement that emerged in Brazil in the 1930s. And to present himself as the integralists undisputed leader, he used all the messianic imaginary that had a great impact on the Brazilian social mentality of the time, emerging almost as a new Tiradentes, in a kind of Christianization of the hero. In the present paper, we will discuss the messianic imaginary use, based on Christian symbolism and the figure of Tiradentes in the Plínio Salgado idealized image construction as “National Boss” of the Ação Integralista Brasileira.

Keywords: Plínio Salgado. Messianism. Ação Integralista Brasileira. Integralism.

RESUMEN: En cada movimiento fascista, el culto al líder es uno de los elementos centrales del discurso ideológico, ya que este individuo reúne los valores sociales, políticos y culturales del movimiento. Plínio Salgado era el líder de la Ação Integralista Brasileira – un movimiento de orientación fascista que surgió en Brasil en la década de 1930. Y para presentarse como un líder indiscutible de los “integralistas”, hizo uso de todo el imaginario mesiánico que tuvo un gran impacto en la mentalidad social brasileña del tiempo, surgiendo casi como un nuevo Tiradentes, en una especie de cristianización del héroe. En el presente texto, discutiremos el uso del imaginario mesiánico, basado en los simbolismos cristianos y la figura de Tiradentes en la construcción de la imagen idealizada de Plínio Salgado como “Jefe Nacional” de la Ação Integralista Brasileira.

Palabras clave: Plínio Salgado. Mesianismo. Ação Integralista Brasileira. Integralismo.

Como citar este artigo:

Oliveira, Rodrigo Santos de; Nascimento, Michelle Vasconcelos Oliveira do. “O Esperado”: a construção da imagem messiânica de Plínio Salgado como chefe da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)” *Locus: Revista de História*, 27, n.2 (2021): 288-306.

A Ação Integralista Brasileira (1932-1937)

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento criado após a Revolução Constitucionalista de 1932, a partir do Manifesto de Outubro, elaborado por Plínio Salgado. Caracterizou-se enquanto uma organização de extrema direita, que cultuava a figura do “Chefe Nacional” e pregava a centralização política nas mãos de um Estado com plenos poderes, contrário à pluralidade de partidos políticos. Esse Estado forte, o “Estado Integral”, tinha como lema “Deus, Pátria e Família” – elementos que foram os sustentáculos do fascismo brasileiro.

Embora o Manifesto de Outubro seja reconhecido como o início oficial do movimento, as origens da AIB são anteriores ao seu lançamento. Em 1931, Plínio Salgado já utilizava uma poderosa ferramenta para a difusão da sua ideologia – o jornal *A Razão*: “O próprio Salgado

reconhece o papel instrumental do jornal. Através dele os artigos chamam a atenção dos intelectuais e dos dirigentes dos movimentos que rejeitam o retorno do liberalismo da Constituição de 1891” (Trindade 1974, 124). Em um trecho escrito por Salgado, fica evidente a função de *A Razão* na gênese do futuro movimento:

Em 1931, surgiu em São Paulo um jornal que se tornou, dentro em breve, o instrumento aglutinador de brasileiros orientados por um pensamento cristão e nacionalista [...]. Dentro em pouco, estava registrada, num fichário, apreciável corrente de homens ligados por algumas ideias fundamentais. (Salgado apud Trindade 1974, 124)

O jornal foi o instrumento de difusão das ideias de Plínio Salgado e criou todas as condições para a organização dos seus adeptos, a partir da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que seria o centro de reflexão ideológica para o surgimento do manifesto integralista de 1932 e a futura AIB.

De acordo com Trindade (1974), a primeira reunião realizou-se em 24 de fevereiro de 1932, por iniciativa de Salgado, na sede do jornal *A Razão*, em São Paulo. Nesta reunião, foram apresentados os princípios fundamentais da SEP, que foram aprovados pelos participantes da sessão. A partir deste momento, iniciavam-se as atividades da sociedade.

Com isto, Salgado começou a se articular com outras lideranças de movimentos contestadores do liberalismo e do próprio Estado varguista. Dentre eles, estavam Olbiano de Mello, de Minas Gerais; João Alves dos Santos, da Bahia; Severino Sombra, do Ceará (líder da Legião Cearense do Trabalho); dentre outros representantes de movimentos direitistas regionais. Além disso, como aponta Gilberto Calil:

Da Sociedade de Estudos Políticos provieram lideranças como Madeira de Freitas (Chefe Provincial da AIB na Guanabara), Raymundo Padilha (Chefe Provincial do Rio), e Hélio Viana, tendo aderido posteriormente Gustavo Barroso, que ocupou a chefia do Departamento de Milícias da AIB e Miguel Reale, que assumiu a chefia do Departamento de Doutrina, e Olbiano de Mello ficou com a chefia Provincial em Minas Gerais. (Calil 2001, 53-54)

Salgado e suas lideranças realizaram uma série de conferências cujo público-alvo eram principalmente intelectuais e estudantes. Nessas ocasiões, divulgavam suas ideias em locais como a Faculdade de Direito e a Academia Paulista de Letra, no estado de São Paulo. O movimento em si já estava praticamente estruturado: “A última etapa do processo de formação do integralismo é a redação de um manifesto para divulgar publicamente a AIB” (Trindade 1974, 131).

Contudo, o projeto acabou sendo “engavetado” por alguns meses, pois eclodiu em São Paulo a Revolução Constitucionalista, como explica Trindade: “a eminência do desencadeamento da Revolução ‘Constitucionalista’ em São Paulo obriga Salgado, por prudência ou cálculo político, a retardar a publicação do documento para uma época mais oportuna” (1974, 131).

Após a revolta paulista, Plínio Salgado lançou o manifesto, em sete de outubro de 1932, inaugurando a AIB, e promoveu a rearticulação dos movimentos com os quais havia perdido contato devido à eclosão do conflito. No Ceará, por exemplo, Hélder Câmara e Jeovah Motta associavam-se ao movimento, mesmo sem a autorização de seu líder, Severino Sombra, que estava exilado. A AIB, dessa forma, incorporava para si a Legião Cearense do Trabalho. O líder integralista recebeu ainda apoio em Recife, na Bahia e no sul do Brasil.

Entre outubro de 1932 e o início de 1934, o movimento passou por um período de consolidação. Em fevereiro de 1934, a AIB realizou o Congresso de Vitória, no estado do Espírito Santo, quando os integralistas organizaram a sua estrutura diretiva. Nesta ocasião, aprovaram-se os seus estatutos, estabeleceram-se as diretrizes básicas dos “camisas-verdes”, criou-se a milícia partidária e definiu-se a posição sobre a religião. Foram elaborados, naquele congresso, os departamentos de Doutrina, de Propaganda, de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política. Foi definido, ainda, com maior precisão, o estatuto do “Chefe Nacional”.

Em setembro de 1937, a AIB obteve o registro como partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral. Depois de um plebiscito interno, Plínio Salgado foi escolhido candidato do partido à presidência da República nas eleições que deveriam ocorrer naquele ano, frustradas, entretanto, pelo golpe do Estado Novo.

A AIB foi extinta como as demais agremiações políticas em dezembro de 1937. No entanto, para continuar na legalidade devido à nova conjuntura estadonovista, organizou-se novamente como uma sociedade civil (como a antiga SEP), que teve a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC):

Plínio Salgado assumiu a presidência da ABC, e os demais cargos foram assumidos por membros da antiga cúpula da AIB. A estrutura e a direção da nova associação permitiram que a AIB continuasse, ainda que de forma mais velada, sua campanha doutrinária. Essa campanha continuou até maio do ano seguinte, quando a AIB parece ter mudado de tática, substituindo a tática educativa pela violenta. Abandonou-se a revolução do espírito e adotou-se a revolução violenta para a tomada do poder. (Cavalari 1999, 19)

O atentado a Vargas no palácio da Guanabara, realizado por um pequeno grupo de integralistas em conjunto com alguns liberais, em maio de 1938, parece ter sido resultado dessa nova tática. O levante integralista foi totalmente dominado por Vargas, que, em seguida, desencadeou intensa campanha contra o integralismo, com a prisão e o exílio de alguns de seus líderes. Outros integrantes, por sua vez, foram englobados na máquina estatal do governo Vargas (Oliveira 2019, 31).

A biografia de um líder controverso

Plínio Salgado nasceu na pequena cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo no ano de 1895. Teve criação conservadora e religiosa. Seu pai era coronel da Guarda Nacional e fora chefe político em São Bento, desde o advento da República. Junto a tal conservadorismo, possuía grande influência do antiliberalismo por parte dos avós. O avô paterno havia emigrado de Portugal para o Brasil por questões políticas, principalmente por oposição ao liberalismo, ao passo que o avô materno tinha sido membro ativo no Partido Conservador na época do Império.

Sua educação inicial ocorreu em casa, ministrada pela mãe, que era professora primária. Posteriormente, já no período secundário, foi para um internato em Minas Gerais. Com a morte do pai, em 1911, quando tinha apenas dezesseis anos, teve de interromper os estudos e retornar à sua cidade natal. No mesmo ano, rumou para a capital São Paulo, onde viveu por conta própria, sem auxílio da família, por dois anos, retornando em 1913 quando passou a fazer trabalhos como agrimensor, dentre outras atividades. Aos vinte e um anos fundou, junto com Joaquim Pereira, o jornal *Correio de São Bento*, iniciando a sua carreira jornalística. Em 1918, aos vinte e três anos, participou da organização e fundação do Partido Municipalista, agremiação de pequenos municípios em oposição ao Partido Republicano Paulista (PRP). No mesmo ano, casou-se, ficando viúvo no ano seguinte, poucos dias após o nascimento da primeira filha (Gonçalves 2017).

Em 1920, durante um comício do Partido Municipalista, foi preso devido à repressão policial. Após sua libertação, mudou-se novamente para São Paulo. Na capital, por intermédio de um amigo, conseguiu o emprego de revisor do jornal *Correio Paulistano*, órgão oficial do PRP.

Durante a sua função enquanto revisor do jornal *Correio Paulistano*, Plínio Salgado estabeleceu contato com figuras como Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Motta Filho. Trabalhar neste periódico foi fundamental para a formação de Salgado, pois foi neste período que teve contato com o movimento modernista e passou a integrá-lo. Além disso, como membro de um órgão político-partidário, pôde perceber a importância que a imprensa tinha para conquistar “corações e mentes”, ou seja, constituía-se como um poderoso instrumento político, que seria levado a cabo por ele mais adiante na estruturação do seu movimento político.

Como jornalista, seguiu uma estreita relação com a participação dentro do movimento modernista, tanto que seu primeiro livro de crônicas foi uma compilação de textos publicados nas páginas do *Correio Paulistano*. Os temas e as preocupações expressas em seus textos se articulavam entre a ação jornalística e literária, fato que não podia ser diferente considerando a sua participação bastante engajada no movimento modernista. O jornal também se converteu em uma espécie de núcleo, no qual os membros das correntes nacionalistas do modernismo se reuniam.

Junto à atividade jornalística, a literária teve um papel fundamental na formação intelectual e política de Plínio Salgado. O nacionalismo teve um papel de destaque e tornou-se o “pilar central” do seu discurso, a partir da sua fase modernista, acompanhando-o em toda a sua vida: desde a AIB, nos anos de 1930 (tendo uma relação direta com a imprensa do movimento), perpassando o Partido de Representação Popular, nas décadas de 1940 e 1950 e princípio de 1960, até sua participação na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), nos anos 1960 e 1970.¹ Aliás, o nacionalismo pode ser considerado um ponto controverso da própria biografia de Salgado, devido ao caráter que o tema assumiu no seu pensamento e no integralismo. Alguns estudiosos do movimento literário o acusaram de ter desvirtuado o conceito nacionalista do modernismo, outros, por sua vez, simplesmente ignoraram sua participação no movimento literário, devido ao seu ativismo político. À parte deste debate, evidencia-se aqui a importância do nacionalismo no pensamento de Plínio Salgado. Como aponta Hélgio Trindade:

Constata-se que o nacionalismo dos anos 20 não é unidimensional. Partindo de uma atitude profundamente antiportuguesa, exalta as virtudes cívicas e militares e contém, finalmente, uma dimensão econômica e anti-imperialista. O importante é ressaltar que esse nacionalismo se constitui na atmosfera intelectual que vai modelar o pensamento do Chefe integralista. O nacionalismo cívico e econômico tornar-se-á com o integralismo, na década de 30, mais radical e a revolução modernista lhe acrescentará uma nova dimensão: a exaltação nacional pelo retorno às origens do povo brasileiro. (Trindade 1974, 33)

Sem entrar em uma análise profunda sobre as questões concernentes ao Movimento Modernista e, mais especificamente, à década de 1920, destaca-se apenas que a ação literária de Plínio Salgado dentro do modernismo teve um papel de grande destaque na construção do seu pensamento político. Em um primeiro momento, sua produção literária não obteve destaque dentro do cenário artístico brasileiro², mas com o *stablishment* do modernismo entre as artes brasileiras e a posterior divisão em duas correntes opostas – *Movimento Pau-Brasil*, encabeçado por Oswald de Andrade, e *Movimento Verde-Amarelo* ou *Escola da Anta*, liderado por Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia – a disputa entre a “esquerda” *Pau-Brasil* e a “direita” *Verde-Amarela* foi levando Salgado a produzir muito mais em um campo político do que estético-literário, tornando-o também conhecido dentro do cenário cultural e político do país.

Desta forma, o pensamento político de Plínio Salgado foi sendo moldado dentro de um viés nacionalista, ufanista e tendo o caráter religioso da personalidade do autor como uma força motriz. Isso o conduziu à candidatura e à eleição a deputado pelo Partido Republicano Paulista,

¹ Sobre a trajetória política de Plínio Salgado, ver Gonçalves 2017.

² Plínio Salgado inicia em 1919 a sua produção literária, com características de estéticas pré-modernistas, como o Parnasianismo. O seu primeiro livro de poesias, *Thabôr*, possuía um estilo marcadamente parnasiano (Salgado 1919).

em 1928. No entanto, sua intervenção no legislativo paulista não surtiu os “frutos” esperados, fazendo com que abandonasse o mandato e rompesse com o PRP, no início de 1930, por não concordar com o viés liberal-oligárquico do partido, que era contrário às ideias políticas que ele já vinha desenvolvendo.

Plínio Salgado parte para uma viagem para a Europa em 1930. É nesta viagem que tem a oportunidade de conhecer de perto o regime fascista na Itália (Gonçalves e Caldeira Neto 2020). Tal fato pode ser considerado um divisor de águas para sua vida política, visto que, a partir dessa experiência e da proximidade que percebe entre as suas ideias políticas e o regime de Mussolini, resolve fundar um movimento/partido fascista no Brasil no seu retorno. Ao chegar ao Brasil, cria o jornal *A Razão*, que foi o *locus* onde começou a desenvolver seu pensamento político, o qual, na ocasião, unia o nacionalismo ufanista da década de 1920, presente em suas obras literárias e ideias políticas, com a experiência fascista que vislumbrou na Europa. Posteriormente, em 1932 organiza a SEP, que dará origem a AIB. O movimento teve um destacado papel na política brasileira no período de vigência legal até 1937, quando foi extinta, como as demais agremiações políticas, com o Golpe do Estado Novo. Os “camisas-verdes”, como eram chamados os membros da AIB, ainda tentariam um fracassado golpe para derrubar Getúlio Vargas. Diante do fracasso, começaram as perseguições às lideranças do movimento. Plínio Salgado foi obrigado a exilar-se em Portugal, retornando ao Brasil apenas em 1946 (Gonçalves 2017).

A construção da imagem messiânica de Plínio Salgado

Em todo o movimento ou partido de orientação fascista o culto ao líder é um elemento central. É a figura do líder e seu culto que dá nexos ao próprio grupo. O líder é representado como a encarnação do próprio movimento/partido. Isso ocorre, dentre outros fatores, pelo fato de sua imagem garantir a unidade, além de trazer uma imagem de força para o movimento.

Nota-se que em todas as experiências fascistas que existiram no século XX, a morte daquele indivíduo que encarnava invariavelmente o regime levou tais partidos/governos ao enfraquecimento e/ou à dissolução. Pode-se pegar, por exemplo, as experiências da Europa com a Alemanha e a Itália durante a Segunda Guerra Mundial, em que as imagens de Adolf Hitler e Benito Mussolini eram as bases centrais da política fascista.

Outra característica que complementa a construção política do líder carismático no fascismo é o “fator local”. Este fator implica que características autóctones de cada sociedade são elementos centrais da base discursiva, ideologia e da construção da imagem do líder. Este elemento está intrinsecamente relacionado ao caráter nacionalista de cada regime fascista.

Em relação ao integralismo brasileiro, Plínio Salgado, criador da AIB, será esta liderança carismática, apresentada e cultuada pelos “camisas verdes” como o “Chefe Nacional”. A construção ideológica em torno da figura de Salgado centralizava (i) a estrutura patriarcal da sociedade brasileira, (ii) o imaginário cristão e católico e (iii) o “messianismo” vinculado à lógica do “salvador” da pátria³. Em outras palavras, Plínio Salgado construiu para si a imagem do redentor messiânico, imagem que possuía grande apelo na sociedade brasileira nas primeiras décadas da República.

O Brasil entre o início da República e 1940 era um país agrário e com um alto índice de analfabetismo⁴, o que fazia com que fosse uma região propícia para o desenvolvimento de movimentos messiânicos que levaram a conflitos como Canudos (1896-1897), liderado por Antônio Conselheiro (com 20.000 civis mortos); Contestado (1912-1016), liderado por José Maria de Santo Agostinho (com 8.000 civis mortos) e os Monges Barbudos (1935-1938), liderado por André Ferreira França.

O Brasil entre 1889 e 1940 – após o rompimento com um sistema político monárquico, que se estendeu desde a colonização portuguesa, iniciada em 1500, à sua Independência, com a existência de uma família Imperial (1822-1889) –, tinha uma sociedade propícia para um discurso político messiânico, devido a essa configuração política inicial e, sobretudo, à alta taxa de analfabetismo em uma sociedade rural e com uma fervorosa mentalidade cristã. É dentro desse contexto político, social e cultural, que Plínio Salgado e os militantes integralistas estruturam a sua ideologia.

Como católico fervoroso, Salgado vai dispor de sua crença religiosa para estruturar a sua política. O seu ideal de nação era baseada nos preceitos católicos. Além disso, defendia um nacionalismo alicerçado na “pureza” do brasileiro, que era o caboclo, representante da miscigenação entre o europeu, o indígena e o africano. Esse era o tipo ideal de brasileiro, o homem dos “sertões”. Como sertão, Salgado compreendia o interior do Brasil, isto é, os recônditos da cultura nacional, em oposição ao “litoral”, que recebia forte influência estrangeira⁵. A ideia de

³ Luiz Mário Ferreira Costa (2018) desenvolve o messianismo a partir do pensamento intelectual de Plínio Salgado, abordando, mais exatamente o mito de Dom Sebastião na obra *O Rei dos Reis e Mensagem ao Mundo Lusitana*, que data de 1945. Entretanto, pelo nosso recorte ser os anos de existência da Ação Integralista Brasileira (AIB), isto é, entre 1932 e 1937, e as fontes serem a imprensa produzida, a obra de Plínio Salgado em questão se encontra fora do recorte pretendido.

⁴ Em 1900 o Brasil possuía uma população de 17 milhões de habitantes, 91,6% vivendo no campo e com 65% de analfabetismo. Em 1940 o país possuía 41 milhões de habitantes, sendo que 73,1% vivia no campo e uma taxa de analfabetismo de 56,8%. Utilizamos o ano de 1940 como referência pelo fato de ser mais próximo ao nosso recorte e por não existir dados oficiais para a década de 1930 (IBGE 2006).

⁵ Sobre a discussão entre sertão e litoral, cf. Oliveira 2011.

nação, então, é baseada na sua noção de espiritualismo, que, para ele, se opõe ao materialismo. O espiritualismo seria a síntese entre a concepção judaico-cristã de sociedade que alicerçava a cultura brasileira e o caboclo, fruto da união das raças que construíram o Brasil. Já o materialismo representaria ideologias e estruturas econômicas exógenas, que precisavam ser combatidas: como o liberalismo e o comunismo.

Desta maneira, o nacionalismo do líder integralista tem como característica pungente também a xenofobia, com forte defesa não só do cristianismo, mas da cultura brasileira e do tipo brasileiro ideal. A construção de uma nação e uma identidade brasileira passava pela negação das ideias e dos modelos estrangeiros.

Considerando o ideal integralista de nação e o perfil⁶ do brasileiro do período, isto é, a alta taxa de analfabetismo e a incidência de movimentos messiânicos, o cristianismo talvez tenha sido uma das principais formas de aproximação do movimento com o povo em geral. Isto é, o apelo aos ideais cristãos e à construção de uma relação entre o líder do movimento com os símbolos e mitos cristãos foi fortemente veiculada nos discursos e no material de propaganda produzido pela AIB.

Sendo a maior e mais abrangente de seu período, a imprensa integralista⁷ vai investir em recursos gráficos para atingir com mais eficácia uma população pouco letrada. É, inclusive, através das imagens, principalmente, que são exploradas as relações entre os símbolos do movimento e os símbolos cristãos, como se pode ver abaixo nos exemplos retirados das *Anauêl*, principal revista do movimento, e que contava com circulação nacional.

⁶ Aqui nos referimos mais especificamente a um perfil médio de brasileiro: pertencente à cultura judaico-cristã e da baixa escolaridade.

⁷ A Ação Integralista Brasileira construiu uma grande rede de periódicos que se configurou como a “espinha dorsal” da difusão ideológica de seu movimento. A escolha não era ao acaso, pois a imprensa periódica era o principal meio de comunicação por excelência na época. O custo de produção de jornais e revistas era relativamente barato e podia ser “passado de mão em mão”. O rádio começava desde a década de 1920 a crescer, mas ainda não atingia a totalidade da população (Calabre 2002). Já a imprensa atingia a todas as regiões do país. Para se ter uma ideia de sua extensão, os integralistas criaram uma rede de 138 jornais e 5 revistas – sendo dois jornais e duas revistas de circulação nacional – em todas as unidades da Federação, inclusive no Amazonas, que tinha uma população bastante reduzida. A partir da imprensa, difundiam de forma unificada a sua ideologia em todo o país. Sobre a imprensa integralista ver.



Fig. 1: Revista *Anauê*, Rio de Janeiro, n° 9, 04/1936, p. 16.

Fig. 2: Revista *Anauê*, Rio de Janeiro, n° 14, 04/1937, p. 1.

Fig. 3: Revista *Anauê*, Rio de Janeiro, n° 22, 12/1937, p. 1.

As três imagens contêm uma relação entre os símbolos do movimento integralista e os símbolos cristãos. Na primeira, podemos observar a imagem de um integralista uniformizado, tendo a bandeira integralista com o Sigma (Σ)⁸, que tombou em combate em um campo, sendo amparado por uma mulher, possivelmente sua mãe ou esposa que olha para cima, a qual, por sua vez, é tocada/abençoada em sua fronte pela imagem de Jesus Cristo, que “desce” do céu, entre nuvens. Tal imagem sugere o quanto essa mulher e o homem integralistas são abençoados em sua luta e nas suas escolhas, mostrando a forte relação entre o integralismo e o cristianismo. Na ilustração, a imagem de Jesus está menos nítida, fato que permite inferir a figura etérea e sagrada de Cristo em contraposição à imagem mais marcada dos Integralistas, na terra. A partir da imagem, pode-se fazer também uma relação com a Pietá, pela construção da figura masculina, em sofrimento nos braços femininos, que a protege, mas que, em contrapartida não olha para o corpo masculino, as para o céu/Cristo.

A segunda imagem, por sua vez, remete a um anjo anunciador, que traz “as boas novas”: o anjo carrega o Sigma integralista, levando a luz que vem do alto/céu expulsando as trevas, que se encontram no mundo terreno, representado por cores escuras, pedras e objetos que se assemelham a corpos mortos. A partir dela, pode-se inferir como o integralismo é construído enquanto a salvação para os sofrimentos, uma salvação “divina”, visto que é enviado dos céus.

⁸ O Sigma é um símbolo da matemática que significa o somatório. Foi utilizado pelos integralistas como símbolo e representava a união da nação e das raças que compunham a sociedade brasileira (o branco europeu, o negro africano e o indígena autóctone).

Já na terceira imagem, temos a figura de um Papai Noel, que, ao retirar a sua roupa vermelha, encontra-se com uniforme integralista (camisa verde, gravata preta e o Sigma estampado no braço). O Papai Noel, construído dentro do imaginário das festas natalinas como o benfeitor, o que leva presentes às crianças, realiza os desejos, é representado, nela, como um integralista, estabelecendo não apenas a sua relação com o cristianismo, mas também com o sujeito “bom” para adultos e crianças. Esses exemplos mostram como os integralistas promoviam o sincretismo de sua ideologia com os símbolos cristãos (Cristo, anjo e Papai Noel).

Se a construção das relações entre símbolos cristãos e integralistas é uma das ferramentas ideológicas e de comunicação utilizadas pela imprensa, tal construção também se dará entre a vinculação da imagem messiânica de Plínio Salgado e a imagem de Cristo. Entretanto, percebe-se uma intertextualidade mais complexa, vinculando a imagem de Cristo por meio da representação do herói da República brasileira, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes⁹.

Como aponta Maria Alice Milliet (2001), a construção heroica de Tiradentes como um símbolo da luta pela Independência do Brasil foi um instrumento da República, objetivando a criação mítica de um herói de passado distante – período colonial – para suprir a necessidade da falta de heróis e atos heroicos durante a Proclamação da República. Essa concepção era necessária para garantir a legitimidade do regime republicano, que surgiu após o 15 de novembro de 1889, em forma de golpe de uma elite agrária, e não de uma revolta ou mobilização popular.

Logicamente, tal construção não se deu a partir de um simples resgate, mas da recriação e representação da imagem de Joaquim da Silva Xavier de forma cristianizada, fundindo-se com a figura de Jesus Cristo, como pode ser observada nas imagens:

⁹ O advento da República no Brasil não surgiu de um movimento popular espontâneo ou de uma revolução para a mudança de regime. Foi um movimento de elites que não viam mais seus interesses serem representados pela Família Real da Casa de Bragança. A “gota d’água” foi a abolição da escravatura. O 15 de Novembro não passou de um golpe de estado que colocava lado a lado os interesses de militares descontentes com as elites oligárquicas. Na ausência de “heróis” na Proclamação da República a “alternativa” foi a criação de um mito republicano. Por essa razão, um movimento visto como anti-monarquista do período colonial, a Inconfidência Mineira, foi “resgatado” e “reconstruído”. A única liderança que sofreu o martírio foi “alçada” à condição de herói nacional: Tiradentes. Sobre a Inconfidência Mineira ver: Furtado (2000); Maxwell (1978); Mota (1979). Sobre a Proclamação da República brasileira ver: Carvalho, (1990); Costa (1999); Mello (2007).



Fig. 4: *Tiradentes* de José Washt Rodrigues (1940), localização: Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

Fig. 5: *Martírio de Tiradentes* de Francisco Aurélio Melo de Figueiredo (1893), localização: Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

Fig. 6: *Tiradentes Esquartejado* de Pedro Américo (1893), localização: Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.

José Washt Figueiredo, na sua obra “Tiradentes”, que data de 1940, retrata uma imagem de forma menos idealizada, apresentando o herói de forma mais “realista”, isto é, trazendo a premissa que Joaquim da Silva Xavier era militar (alferes) do exército colonial português. A obra representa o que seria Tiradentes, trajado em seu uniforme do exército, portando armas e insígnia, em um campo com montanhas, que remete à geografia das Minas Gerais.

Nas duas obras subsequentes, *Martírio de Tiradentes* (1893) e *Tiradentes Esquartejado* (1893), realizadas, respectivamente, por Francisco Aurélio Melo de Figueiredo e Pedro Américo, logo após o advento da República, trazem uma intertextualidade com o martírio de Jesus Cristo. Na obra de Francisco Aurélio de Melo Figueiredo, tem-se a imagem central de Tiradentes estilizado como Jesus Cristo – vestes, cor de pele, cabelo e barbas compridas – como se estivesse sendo crucificado – martírio pelo qual passam os heróis que tentam salvar o povo. Embora haja a figura da forca, sentença de morte de Tiradentes, o clérigo que segura um crucifixo e olha para o alto sugere a imagem da pena – crucificação. Ainda há, na imagem do quadro, à direita e de joelhos, como se estivesse, ao mesmo tempo, prestando reverência e chorando, um homem negro, de vestes mais simples. Tal imagem pode, por sugestão, representar o “povo” que Tiradentes livraria da opressão, caso tivesse conseguido tornar o Brasil independente: os negros escravizados nas Minas Gerais. Povo de que fazia parte. Em tal figura, claro, percebe-se uma construção de Tiradentes e do movimento da Inconfidência mineira diferente do que é analisado na historiografia.

Já na obra de Pedro Américo, há uma apresentação mais dramática do que foi a morte de Tiradentes. O quadro traz a força com seu o corpo esquartejado. No centro da força e no degrau superior, encontra-se a cabeça do herói, com um crucifixo ao lado. O torço de Tiradentes está deitado e sem roupas, com sua perna desmembrada, apenas envoltos em tecido, lembrando o corpo de Cristo. Os tecidos que envolvem a cabeça e o corpo de Tiradentes/Cristo são das cores branco e azul, isto é, das cores da casa de Bragança, o que remete à condenação de Tiradentes pela coroa portuguesa. O martírio de Tiradentes pode ser associado ao martírio de Cristo.

As imagens de Francisco Aurélio de Melo Figueiredo e Pedro Américo tiveram um grande impacto no imaginário social da população. A imagem de Tiradentes cristianizado e a sua repetição pelos órgãos oficiais do Estado brasileiro conseguiram difundir o mito do herói republicano brasileiro e estabelecer no imaginário brasileiro a relação do herói com a figura cristã do salvador.

A partir de então, grupos distintos passaram a se apropriar dessa imagem ressignificada de Tiradentes. A AIB valeu-se amplamente da figura de Joaquim José da Silva Xavier, vinculando-o à figura do “Chefe Nacional” Plínio Salgado, que pretendia ser esse herói nacional.

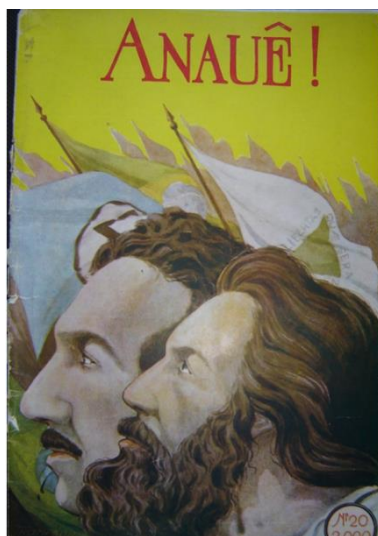


Fig. 7: Revista *Anauê!*, Rio de Janeiro, nº 20, 10/1937, p. 1.

A edição nº 20 da principal revista de propaganda da AIB, *Anauê!* (10/1937) traz estampada na capa uma imagem em que sobrepõe, maior e ao fundo, o rosto de Tiradentes ao de Plínio Salgado. Como fundo encontram-se bandeiras flamejantes, dentre as quais a do Brasil, ao centro, a integralista à esquerda, e a mineira, com o símbolo da Inconfidência, à direita. O quadro sugere, ainda, uma imagem de Tiradentes próxima ao Cristo Ocidental, de tez clara, barba e cabelos longos e castanhos. Tiradentes olha para o céu, consolidando a ideia de algo “divino”, e também de sonho/desejo, e Plínio olha para frente, adiante, numa relação entre o desejo/sonho e a realização

de um objetivo. Ou seja, a partir da imagem, pode-se inferir que Plínio Salgado e o integralismo seriam a continuidade da marcha pela liberdade e soberania nacional que teria sido iniciada por Tiradentes e pela Inconfidência Mineira.

No entanto, Plínio Salgado não se constrói apenas como a continuidade de Tiradentes em seu sonho de liberdade e soberania nacional, mas também como sua “reencarnação”. O *Jornal de Polícia*, órgão não oficial, mas vinculado a AIB, traz como manchete a construção dessa imagem de Plínio Salgado:



Fig. 8: *Jornal de Polícia*, Rio de Janeiro, nº 276, 10/1937, p. 1.

Além da chamada, há duas imagens, a de Plínio, à esquerda, de perfil, que olha para Tiradentes, à direita. Ambos são enquadrados no jornal como se olhassem, cruzando, nestes olhares, presente e passado, deixando clara a visão de Plínio Salgado “transfigurado” em Tiradentes e, no imaginário popular, vinculado à imagem de Jesus Cristo. A AIB seria o “instrumento divino” da “Emancipação Nacional”, ao ponto de Plínio Salgado ser uma reencarnação de Tiradentes para salvar a nação brasileira.

A vinculação da imagem de Salgado com a de Tiradentes não é ao acaso: possui uma função simbólica de criar a conexão entre o “mito fundador” da República no Brasil com o líder do movimento integralista, tratado na chamada como “Chefe do Sigma”. Logicamente, a representação de Tiradentes utilizada pelos integralistas não é a do Tiradentes “histórico” – alferes português como na pintura de José Washt Rodrigues –, mas a releitura cristianizada, que tinha grande impacto na sociedade brasileira da época.

Aqui retoma-se a questão do messianismo: no momento em que a Salgado é apresentado como a continuação e/ou a reencarnação de Tiradentes, percebe-se que os integralistas buscam para o movimento e para o culto ao seu líder máximo uma vinculação messiânica.

Na sociedade idealizada pela AIB, Plínio Salgado era o líder imbuído da providência divina para salvar a nação e seus valores sociais, culturais e morais contra aquilo que consideravam como nocivo e deletério ao Brasil – o comunismo, o liberalismo, as sociedades secretas, o capital especulativo internacional, e, em algumas correntes do movimento, o judaísmo. De acordo com Luiz Mário Ferreira Costa, Plínio Salgado “descrevia sua própria trajetória como uma espécie de missão especial na Terra, sustentada pelo nobre objetivo de reconstruir o homem à imagem de Jesus Cristo” (2018, 76).

Salgado vai se construir e se representar como o “escolhido” para essa grande missão providencial. Para isso, a construção doutrinária do movimento integralista colocava-o como o centro discursivo do movimento: é a imagem, a voz e o pensamento do Chefe Nacional, o “escolhido”, sendo veiculados de forma radical em toda a rede de imprensa organizada pela AIB. Todos os militantes reconheciam Salgado como seu líder. Todos militantes deveriam ter fotos do líder em casa¹⁰, o que se inscreve como a característica de culto ao líder do movimento fascista em questão.

É a partir da relação entre os símbolos cristãos e os símbolos do movimento e da associação entre a imagem de Tiradentes e de Plínio Salgado que foi sendo construída essa representação messiânica, o que se deve, sobretudo, à sua grande repetição e veiculação nos órgãos oficiais e extraoficiais integralistas, cujas estratégias serão vistas mais adiante.



Fig. 9: Jornal *Anauê!*, Belo Horizonte, nº 6, 20/05/1935, p. 1.



Fig. 10: Jornal *Província da Guanabara*, Rio de Janeiro, nº 5, 13/06/1937, p. 1.



Fig. 11: Jornal *Revolução*, Porto Alegre, 29 de maio de 1937, nº 45, p. 1.

¹⁰ *Anauê!*, principal revista de circulação nacional integralista, em seu quarto número, trouxe uma fotografia destacável de Plínio, como encarte, para que os integralistas a emoldurassem e colocassem em suas residências.

Um dos elementos mais explícitos quando se analisa a imprensa integralista é o protagonismo de Plínio Salgado como centro da construção ideológica. Isto não se deu num sentido figurado, mas literal. A imagem do “Chefe Nacional” estava sempre em destaque nas capas de jornais e revistas da AIB, de modo a construir o culto à sua figura como líder, Chefe do movimento, de uma “grande família nacional” e “salvador”, como pode ser conferido abaixo:

A repetição constante da imagem de Plínio Salgado tinha a função de garantir a sua aceitação por parte dos membros da AIB, além de manter a unidade em torno do “Chefe Nacional”. Da mesma forma, era difundida a ideia de que Plínio Salgado e integralismo são indissociáveis. O Chefe sempre aparecia com o uniforme do movimento, com olhar austero e fixo, mostrando a seriedade e firmeza em sua postura e suas atitudes. Embora houvesse outros intelectuais de destaque dentro da AIB, como Gustavo Barroso e Miguel Reale, nos periódicos não costumavam aparecer em edições consecutivas. O único intelectual amplamente difundido e com repetição é Plínio Salgado. Isto denota claramente a estratégia de que Salgado era o centro discursivo e nenhum outro membro poderia fazer frente a ele. Ele era o líder que conectava todos pela sua figura de “Chefe Nacional”, que também pode ser entendida como uma espécie de pai de um projeto nacional, de uma grande família, responsável por todos e todas no movimento. Assim, não só estampava os jornais e revistas, como era o centro das fotografias também em grupo e família:



Fig. 12: Revista *Anauê*, Rio de Janeiro, nº 8, 03/1936, p. 11.

Fig. 13: Revista *Anauê*, Rio de Janeiro, nº 10, 05/1936, p. 9.

Ou em ilustrações, as quais chamam a atenção para a representação do Chefe como Cristo:

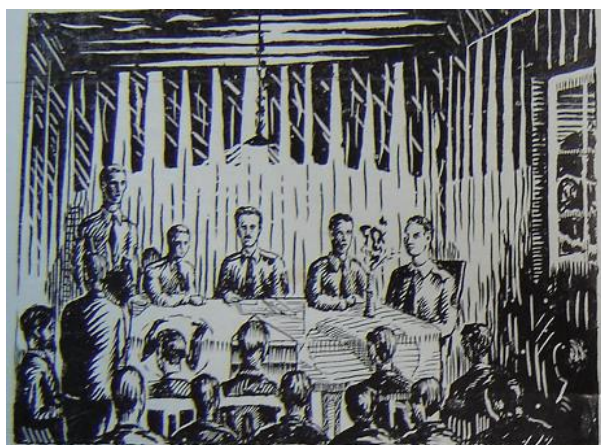


Fig. 14: Revista *Ananêl*, Rio de Janeiro, nº 13, 03/1937, p. 4

Fig. 15: Revista *Ananêl*, Rio de Janeiro, nº 13, 03/1937, p. 5.

Na primeira ilustração, tem-se Salgado numa mesa, ao centro, como Jesus Cristo na Última Ceia. Ademais, há um pendente que desce do teto, com uma lâmpada, que forma um raio de luz sobre sua cabeça, sugerindo a iluminação – divina do líder. Na mesa, ele é acompanhado por outros integralistas e por uma plateia, de costas para imagem da mesa, que, supostamente, estava ali para ouvi-lo. Na segunda ilustração, o líder é colocado à frente e guia um grupo de homens integralistas por uma rua, representando, no imaginário, este guia/pai/líder, que também pode relacionar-se a uma imagem cristã. A imagem foi amplamente utilizada pela imprensa integralista, visto que as representações pictográficas eram um recurso extremamente eficiente para a conquista de “corações e mentes” em um país com aproximadamente 60% de analfabetismo. Assim, mesmo cidadãos e cidadãs que não sabiam ler, conseguiam visualizar Plínio Salgado como o centro do integralismo.

Apontamentos finais

A Ação Integralista Brasileira foi um dos movimentos políticos mais importantes do Brasil no século XX. Embora seu tempo de existência legal tenha sido curto (1932-1937), a sua matriz se encontra já na produção jornalística e literária de Plínio Salgado, em finais da década de 1910, que se consolida com a sua visão nacionalista, desenvolvida a partir do Movimento Modernista e de sua vertente “Verde-amarelo”. Foi a sua concepção de nacionalismo a partir da valorização do tipo brasileiro do caboclo, da cultura nacional, do “sertão” brasileiro enquanto lócus do homem e da cultura, apartado das influências estrangeiras, contando, ainda, com a sua crença cristã, que faz com que Plínio Salgado se identifique como o “escolhido” para guiar o povo brasileiro rumo à liberdade.

Em um país com predominância cristã, com fortes movimentos messiânicos e com uma alta taxa de analfabetismo, e que ainda passava por crises econômicas e políticas, a imprensa da

AIB, dirigida por Salgado, construiu não só a relação simbólica entre o cristianismo e o integralismo, como a representação messiânica de Plínio Salgado a partir da relação entre a sua imagem e a do herói republicano Tiradentes. Entretanto, o Tiradentes republicano também é representado enquanto um mártir, um “Cristo”, o que permite a construção de uma tríade nessa relação: Cristo – Tiradentes – o “Chefe Nacional” (Plínio).

Desta forma, foi como “reencarnação” de Tiradentes ou enquanto um salvador (da Pátria brasileira e de seu povo de forças obscuras – liberalismo, socialismo, etc.) que Plínio Salgado se apresentou. E, para essa construção, o recurso imagético e a extensão da imprensa integralista tiveram um importante papel, o que pode ser comprovado pelo fato de o movimento ter alcançado milhares¹¹ de seguidores no seu curto período de ação, e ter sido o primeiro partido de massa organizado nacionalmente, com liberdade de ação em todo o país.¹² Foi como o grande “esperado” que Plínio era recebido nos lares integralistas brasileiros, alimentando o imaginário messiânico da população seguidora.

Referências bibliográficas

- Calabre, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- Calil, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- Carvalho, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.
- Cavalari, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil(1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.
- Costa, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 1999.
- Costa, Luiz Mário Ferreira. *Os “intelectuais-heróis”: uma história transnacional luso-brasileira*. Curitiba: CRV, 2018. <https://doi.org/10.24824/978854442599.2>
- Estatísticas do Século XX*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- Furtado, João Pinto. “Inconfidência mineira: crítica histórica e diálogo com a historiografia”. Tese de Doutorado em História, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.
- Gonçalves, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.
- Gonçalves, Leandro Pereira, e Odilon Caldeira Neto. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

¹¹ Sobre o número de militantes integralistas, conferir Gonçalves e Oliveira 2016.

¹² O primeiro partido com organização nacional foi o Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922. Contudo, devido à repressão estatal, teve poucos meses de existência legal antes de ser cassado. Entre 1922 e 1945 agiu na clandestinidade. Em 1945, devido aos acordos entre Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, foi permitido o registro do partido, sendo caçado novamente em 1947. Depois desse interregno, apenas após o final da ditadura civil militar em 1985 pôde ter registro e agir na legalidade, já em 1985.

Gonçalves, Leandro Pereira, e Alexandre Luís de. Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil: vivendo na ilusão com os verdadeiros números do integralismo. O PRP como resposta à nova realidade do Brasil. *História e Cultura*, 5, (2016): 155-174.
<https://doi.org/10.18223/hiscult.v5i3.2002>

Maxwell, Kenneth. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal (1750-1808)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Mello, Maria Tereza Chaves de. *A República Consentida*. Rio de Janeiro: Editora FGV, EDUR, 2007.

Milliet, Maria Alice. *Tiradentes: o Corpo do Herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Mota, Carlos Guilherme. *Idéia de revolução no Brasil (1789-1801)*. Petrópolis: Vozes, 1979.

Oliveira, Rodrigo Santos de. *História da imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. São Paulo: LiberArs, 2019.

Oliveira, Rodrigo Santos de. *O inimigo mortal do sigma: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira*. Rio Grande: Pluscom, 2011.

Salgado, Plínio. *O esperado*. 5. ed. São Paulo: Voz do oeste, 1981.

Salgado, Plínio. *Thabôr: poemas*. São Paulo: Seção de obras de “O Estado de S. Paulo”, 1919.

Trindade, Hélió. *Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.

Recebido: 05 de abril de 2021
Aprovado: 07 de julho de 2021